

Castello de Almourol. — Gravura de Coelho.

O castello de Almourol, cujas ruinas representa fielmente a nossa gravura, é edificado sobre um fragoso ilheo, de fórma oval, surgindo do seio do caudaloso Tejo a pequena distancia da antiga villa de Tancos, e a cêrca de dezoito lagoas da capital.

Foi este castello construido, ou, para melhor dizer, reedificado, por D. Gualdim Paes, primeiro mestre da ordem do Templo em Portugal; e por consequencia a sua fundação deve ser, pelo menos anterior alguns annos a 1295, porque n'este ultimo falleceu aquelle valorosissimo cavalleiro.

Espanta como, apesar de abandonada desde tempos immemoriaes, esta elegante fabrica se conserva ainda no estado em que a vemos; e admira ainda mais que tão pittorescas ruinas não tenham sido de alguma sorte aproveitadas, quando seria facil até construir-se alli uma residencia de verão, acastellada, que não teria inveja a nenhuma d'quellas de que justamente se ufanam as deleitosas margens do Rheno.

Não é isto, porém, o que mais deve agora importar-nos; e por isso, sem mais preambulos, passaremos desde já a dar uma idéa succinta do estado actual d'este notavel monumento, aproveitando para esse fim, resumindo-a, a excellente noticia que devemos á erudita pena do sr. conde de Mello. (1)

Olhando do occidente para o castello, descobrem-se-lhe na cêrca exterior das muralhas, quatro torres circulares, collocadas a distancias eguaes, e mais ou menos derrocadas, sebrepujando um pouco a cortina que entre si as liga.

No meio d'esta e entre a segunda e a terceira torre, depara-se com a primitiva porta do castello, hoje inutil, a qual é de fórma gothica, terminando em ogiva, e de pequenas dimensões. Superiormente a esta porta e embutida na parede, vê-se uma grande lapida, em que se distinguem alguns caracteres; mas a escriptura está em geral tão sumida e apagada, que é impossivel decifral-a.

No meio do recinto ergue-se a torre de menagem, coroada de ameias, em parte bem conservadas. Seguindo pelo lado que deita para o sul, encontra-se um pedaço de muralha, dando mostra de que alli existíra outr'ora um cáes.

Da parte do oriente as ruinas apresentam um aspecto mais formoso e variado. Continúa a cêrca exterior, mostrando agora cinco novas torres da mesma fórma que as quatro primeiras, sendo ao todo nove as que abraçam e defendem o recinto exterior. A par da torre de menagem, que d'este lado tem duas janellas, se eleva outra torre quadrada, e depois o primeiro recinto da fortaleza, que tambem d'ahi se descobre, porque a muralha levanta-se a grande altura torneando a torre de menagem, mas sem regularidade nos lanços, pois os sujeitaram n'esta parte ás sinuosidades do terreno.

No ilheo desembarca-se do lado do norte, e d'esta parte está elle todo coberto de choupos e salgueiros. Havia aqui um caminho regular para o castello; mas esse caminho acha-se obstruido de pedras, e é forçoso, querendo-se penetrar no edificio, aproveitar uma abertura que existe entre a terceira e a quarta torre.

Entrando-se de feito por aqui, encontra-se o observador em um pateo interior do castello; uma porta que deita para este pateo, e communicava indubitavelmente com os aposentos dos andares superiores, está-murada; provavelmente por terem desabado ou estarem ameaçando ruina aquelles. Sobre esta porta, que tambem termina em ogiva, vê-se um escudo de pedra, um pouco mais branca que o resto do edificio.

Por algumas fendas que existem nas paredes e pelas poucas e esguias janellas que deitam para esta área, se póde conhecer que os aposentos rematavam

(1) *Jornal das Bellas Artes*, 1.ª serie n.º 5.

em abobada; e pelo que d'ellas resta se vê egualmente que deviam ser ornadas de ricas laçarias; nenhuma, porém, se conserva inteira n'este plano, o que é realmente muito para lastimar.

Da obra de Gualdim Paes nada mais resta hoje; mas pelo que existe póde affirmar-se afoutamente que foi acabada com singular esmero, e que alli trabalharam sem duvida os melhores artifices que então viviam em Portugal: aliás não teria resistido tantos seculos ás injurias do tempo, e á incuria dos homens.

Da situação d'este castello quasi a meio do rio, da constituição geologica do ilheo, e por ventura da valente construcção das muralhas da velha fortaleza nasceu o pensamento de fazer passar sobre elle a ponte, na qual se ha de assentar a via ferrea que deve ligar o caminho de ferro do leste, na secção de Lisboa a Santarem, com a linha que atravesse a provincia do Alemtejo em direcção a Elvas e Badajoz. N'este caso, o ilheo e castello formariam como que um gigante encontro natural d'aquella grande obra.

Sem de modo algum nos oppormos a que sejam aproveitadas convenientemente as vantagens que para similhante fim proporciona a posição do castello de Almourol, já d'aqui rogâmos encarecidamente a quem entender sobre este objecto, que as venerandas e poeticas ruinas sejam poupadas e reparadas.

Que os viajantes estrangeiros, quando percorrerem no futuro aquella importantissima linha, não hajam presencear mais um acto de indesculpavel vandalismo. Ao lado d'essa grande consquista do progresso, deixem existir ao menos, sem o profanar, o bello monumento do valor e heroicidade de nossos maiores.

P.

LORD BYRON

POR M. MACAULAY.

Julgâmos fazer um serviço ás nossas letras traduzindo do inglez este trabalho sobre lord Byron, escripto por um dos primeiros criticos do nosso seculo.

Mr. Macaulay, que ha poucos mezes acabou de ser elevado ao pariato, pertence áquella eschola escoceza, tão notavel pelos nomes de David Hume, Adão Smith, Reid, e Dugal Stewart, que depois com a *Revista de Edimburgo* tão decisiva influencia tem exercido sempre sobre a opinião publica em Inglaterra. Collaborador assiduo d'esse jornal, que representa e continúa as tradições mais puras da philosophia e do liberalismo inglez, mr. Macaulay poz remate á sua reputação, escrevendo a *Historia de Inglaterra desde o accesso de Jacques* II, que lhe concedeu um logar distincto a par dos mais eminentes historiadores da Europa moderna.

A litteratura ingleza é pouco conhecida em Portugal, e o que sabemos d'ella, ou é pelas traducções francezas, que nem sempre primam pela fidelidade, ou pelos artigos dos jornaes d'aquelle paiz, que frequentemente sacrificam ás paixões do momento, *ao interesse da actualidade*, segundo a phrase sacramental, a rectidão e a imparcialidade que devem caracterisar os juizes da critica litteraria.

De todos os grandes poetas d'este seculo, é Byron, que nasceu quando Schiller e Goëthe já haviam escripto muitas das suas mais formosas obras, e expirou, quando Lamartine, Victor Hugo e Béranger tinham apresentado ao publico as auspiciosas primicias do seu raro engenho, é Byron sobre tudo, que melhor impelle as imaginações para essas vagas regiões do ideal, que mais prestigiosas nos apparecem, quanto é mais rapido o movimento que nos precipita para as delicias e conforto do bem estar material.

A nossa voz, pouco auctorisada em si mesma, desfallece, e some-se, tentando fazer-se ouvir a par da do insigne escriptor inglez: mas quem não se sentirá indignado, ao saber que as portas de Westminster se recusaram abrir ás cinzas do grande poeta, do esforçado voluntario da emancipação hellenica?

A ultima das vaidades, a mais esteril talvez, é a que vae cercar de ostentosas pompas o punhado de pó que o homem deixa, como debil vestigio da sua passagem na terra. Mas, ou seja fragilidade do nosso orgulho, ou mysterioso instincto de um futuro mais ditoso, a verdade é que as gerações seduzidas pela gloria de um homem superior, sobresaltadas perante o enigma d'essas existencias excepcionaes, que fulgem rapidas e brilhantes na vida como as faiscas ardentes que illuminam o espaço nas noites calmosas do estio, vão prostrar-se, melancholicas e contritas, perante os restos d'esses que a morte roubou ao seu amor, ou á sua admiração. Em presença d'este sentimento geral da humanidade, commum ás nações antigas, e ás nações modernas, o procedimento da Inglaterra foi realmente monstruoso, e nem para o attenuar tinha a desculpa, como nós a podêmos ter, a respeito de Camões, de ignorar aonde, com verdade, repousavam as suas preciosas cinzas.

Os grandes poetas não salvam sómente as nações do esquecimento, quando ellas se despenham na decadencia e no abatimento: amortecem os odios e as rivalidades que concitam no fastigio da opulencia e do poder, quebrantam a indignação que tantas vezes ellas provocam, quando abusam da sua força, quando insultam os principios eternos da justiça, e do direito, nos delirios da sua omnipotencia. Os *Lusiadas* bastam para manifestar aos mais remotos vindouros, que Portugal foi nação illustre que abriu ao mundo as portas do oriente. Child-Harold, o Corsario, e o Giaour, terão mais de uma vez feito perdoar, pela admiração que inspira o immortal poeta inglez as atrocidades da Inglaterra na guerra da America, o bombardeamento de Copenhague, a injustiça da fortuna com que prostrou nos campos de Waterloo o grande capitão d'este seculo, e deu ao moderno Prometheu por Caucaso os rochedos de Santa Helena.

Mr. Macaulay é, na mais ampla accepção da palavra, um *free thinker*. Inglez pelo nascimento, pelas idéas, pelo patriotismo, pela respeitosa deferencia que tributa ás nobres tradições da sua terra, não o vemos, por isso, menos severo para com os seus erros e preconceitos, para com as aberrações excentricas e desvarios hypocritas, que mais de uma vez deturpam os seus sentimentos, e as levam a viciosos extremos.

Byron é julgado por um poeta, porque mr. Macaulay é um dos mais distinctos poetas da nova eschola, e por um poeta nacional. Seria ocioso querer demonstrar a superioridade que tem os conterraneos na apreciação das bellezas e defeitos dos seus proprios escriptores; e isto acontece sobre tudo quando nenhuma paixão estranha se mistura nos seus juizos, quando a voz das parcialidades emmudece perante a magestade do sepulchro.

Byron e as suas obras tem sido para os escriptores estrangeiros, o pretexto de centenares de theorias aventurosas, de declamações mais ou menos eloquentes, e é força confessar, que isso não tem contribuido pouco, para que o seu caracter como homem para que a sua physionomia como poeta, appareçam em tão vagas e contradictorias perspectivas, que sendo o seu nome tão popular, e os seus poemas tão conhecidos de todos os que cultivam as letras, mal se comprehenda a sua verdadeira e legi-

tima influencia no desenvolvimento litterario, e o logar que occupa na historia do espirito humano, durante as primeiras decadas do seculo em que vivemos.

Debaixo d'esse ponto de vista, o trabalho de mr. Macaulay, escripto em junho de 1831, não póde ser de sobra applaudido e louvado. N'algumas rapidas paginas descreve-nos o homem, e segundo a nossa opinião, ninguem ainda o descreveu melhor: e nas luminosas considerações litterarias com que caracterisa a sua acção sobre a poesia ingleza, e lhe estabelece, por assim dizer, a filiação intellectual, mostra-se o critico erudito e sagaz, que reune a um gosto apurado e discreto os mais vastos e copiosos conhecimentos nas letras antigas e modernas.

Houve, a monomania propagou-se a quasi todos os paizes, uma eschola *byroniana*, que passou, como passam todas as cousas d'este mundo. É que Byron, apesar de ser excepcional pelo genio e pelos sentimentos, traduziu brilhantemente uma das situações moraes do tempo em que vivia e a sua poesia não se tornaria popular, se por ventura exprimisse só os devaneios e delirios que exclusivamente o dominavam. A molestia, de que elle adoecia, tornou-se epidemica e como acontece sempre nos mediocres e insignificantes, tomou os ultimos limites do ridiculo.

Ha cinco annos escreviamos nos o que vamos transcrever, e as nossas convicções tem-se antes robustecido, do que modificado.

«Meu caro, Werther, René, não são um capricho da imaginação individual: são um grito eloquente do genio da humanidade: se Goëthe e Chataubriand se não houvessem pintado senão a si mesmo, se aquelles sentimentos não existissem disseminados por muitos corações se aquelles sonhos não agitassem muitas outras cabeças não teriam rapidamente consquistado essa popularidade nem produzido esse enthusiasmo, que os engrandece aos olhos das novas gerações.

«A felicidade d'elles é haver sido opportunos: é haver engastado n'um monumento a idéa, que labios menos eloquentes balbuciavam nas horas mortas da noite que confiavam ao murmurio da corrente, aos gemidos da floresta agitada pelo vento ás desoladas campinas crestadas pelo inverno; a Providencia entrega a esses talentos predestinados o verbo intimo da humanidade como ás mãos audaciosas do superior homem politico o sceptro omnipotente que deve conduzir as populações, durante as crises de uma transformação social.

«Expirou por acaso essa idéa? o desgosto da vida, a funebre e angustiosa amargura que devora certas organisações não apparecerá de novo no peito d'estas gerações, que abrem agora os olhos á vida? Os poetas traduzindo, bem ou mal, essas impressões pungentes procurando n'essas fontes o segredo do seu padecer, intentarão apenas o trabalho inglorio da *litteratura reflexo?*

«A unidade e a força expansiva da civilisação europea tornam as literaturas reflexos umas das outras. É esse o phenomeno infallivel, que caracterisa a nossa epocha.

«Antes dos caminhos de ferro, da imprensa periodica, dos vapores, dos telegraphos electricos, já Corneille e Molière se tornavam os reflexos da litteratura hespanhola: Marine fundava o gongorismo em Hespanha, porque D. Luiz de Gongora foi o seu applaudido discipulo, e por contagio em Portugal, e era conjunctamente o inspirador das nauseantes reuniões do Hotel Rambuillet, e do seu *fleuve-du-tendre:* a Inglaterra, nos principios do seculo XVIII, sendo a nação original, a patria Chaucer, de Shakespeare, e de Milton, com Dryden, Addisson, e Pope, imitava abertamente a eschola de Racine, Boileau, e dos poetas de Luiz XIV.»

Com estas opiniões não receâmos certamente que o estudo de Byron e dos grandes poetas da sua epocha possa de nenhum modo prejudicar a indole da nossa poesia, e cremos que os homens de verdadeiro talento, e de superiores faculdades, hão de ser sempre, e em todos os tempos, os escriptores que melhor exprimam o caracter e as aspirações da sua terra.

Agora entraremos no trabalho de Macaulay.

(Continúa).

LOPES DE MENDONÇA.

GALLICISMOS.

(Continuação).

Picante — em vez de agudo, interessante, notavel, assignalado.

Picar de honra, de nobreza, de sabedoria — em logar de presumir de honrado, vangloriar-se de nobre ostentar de sabio; jactar-se, gabar-se, blasonar, caprichar de....

Placard — em logar de edital, cartaz ou cartel, ou com significação de habito, divisa, venera de ordem militar.

Populaça — em vez de infima plebe, gentalha, vulgacho, escoria do povo infima relé.

Por (preposição) receiar, assustar-se, por alguem, isto é, acerca, a respeito d'elle, temer que lhe succeda mal; felizmente por nós, isto é, por felicidade nossa.

Portaespada — em logar de talim, talabarte, boldrié.

Portamento — em vez de mala, maleta, ou cabide.

Prejudicar — com a significação de julgar anticipada ou préviamente. Por analogia dir-se-hia melhor prejulgar.

Prejuizo — em vez de damno preoccupação por informação prévia, juizo antecipado — é desculpavel.

Pressante — em logar de urgente, forçoso, apertado, imminente.

Prevalecer-se de alguma cousa — em vez de valer-se, lançar mão servir-se ajudar-se d'ella.

Prodigar — em vez de prodigalisar.

Pormenores — é hespanholissimo preferivel ao gallicismo detalhes.

Propriedade — em logar de limpeza, aceio.

Que (particula) — usada no principio das proposições optativas, imprecativeis, etc. Em logar de sómente ou senão, de como ou quanto

Rango — em vez de renque, fileira, ordem, gerarchia.

Regressar — com accepção de retroceder.

Remarcavel — em logar de notavel, digno de reflexão, insigne, conspicuo, estremado assignalado; que é para ver-se, muito de ver.

Renomado — em vez de afamado, celebre, famoso.

Reprimenda — em logar de reprehensão, correcção.

Ressorte — por mola, elasterio; agente, impulso, movel, principal agente; alçada, competencia

Ressurças — em vez de recursos, arbitrios, expedientes, meios.

Retreta (tocar á) — em logar de tocar a recolher, á retirada.

Revancha — em vez de desforra, despique, satisfação; recompensa de acção boa, vingança de acção má.

Reverie — com a significação de fantasias pensamentos loucos, delirios devaneios; meditação profunda, ou alineação.

Revoltar — com a significação de escandalisar, indignar, fazer exasperar, provocar irritar, incitar, causar raiva.

Ridiculo, ridiculoso — tomado substantivamente. Conheço os ridiculos do mundo, é gallicismo, em vez de conheço o que o mundo tem de ridiculo; ou quão ridiculo é o mundo.

Rotina — por caminho sabido, trilhado, estrada coim-

brã; ou, figuradamente, cousa costumaria, usança — é descupavel.

Salvaguarda — em vez de seguro, resalva.

Secundar — por coadjuvar, auxiliar, apoiar.

Sobre (preposição) — o seu uso desacertado faz commetter muitos gallicismos. Sobre a lista, sobre os jornaes — em vez de na lista, nos periodicos. Sobre a petição de.... — em vez de a pedido, a requerimento de.... Sobre o modelo — em vez de conforme o modelo. Sobre os inimigos, sobre sua passagem — em vez de aos inimigos, em sua passagem.

Sortida — com a significação de invectiva, reprehensão aspera e prompta.

Subir — com a significação de soffrer, supportar.

Supercheria — em logar de embuste, engano, fraude, velhacaria, trapaça.

Surmontar — em vez de superar, vencer.

Tartufo — em logar de hypocrita, beato falso.

Tirada — com a significação de trato, passagem um pouco extensa d'alguma obra

Tomar a palavra — em logar de começar a fallar, fallar primeiro que os outros. Melhor se diria, com frei Luiz de Sousa, tomar a mão.

Tratamento — com a accepção de salario, ordenado, estipendio.

Través — significando irregularidades, desregramentos, extravagancias, desordens, desconcertos, desmanchos, erros.

Trem de vida — em logar de modo de vida, maneira de viver ou proceder.

Ternó — é gallicismo que se podia evitar, usando da palavra *seléa*, por que é conhecido na Suecia a qual se conforma mais com o genio da nossa lingua.

Unido — Em logar de lizo, egual, plano.

COMBOIOS A VAPOR PARA NAVEGAÇÃO FLUVIAL.

Os rios que sulcam o continente da Asia, ainda os mais famosos pela extensão do seu curso, e possança de aguas, como o Indo e o Ganges, são em geral de mui pouco fundo, e acham-se em alguns pontos obstruidos; d'ahi vem que a navegação d'estes rios por barcos de vapor do systema vulgar, ou outros navios de consideraveis dimensões, é totalmente impraticavel.

Tem-se pensado em canalisar os dois grandes rios que acima mencionámos, emprehendendo n'elles immensos trabalhos de dragagem, regulando-lhes a corrente, e delimitando-lhes as margens pelos meios que a sciencia ensina; mas, além da difficuldade de similhante empreza, que aliás honraria a Inglaterra quando a tentasse, a canalisação, melhorando sensivelmente as condições climatericas d'aquellas regiões, não tornaria certamente aquelles rios aptos para receberem similhantes navios, pois nunca se lhes poderiam profundar os leitos ao ponto que elles requerem, ainda sómente para fluctuar.

O problema, pois, consistia em imaginar um systema combinado por tal sorte, que podesse pôr-se em pratica desde já, tendo em attenção a actual profundidade media dos rios da Asia. O sr. Bourne parece ter resolvido esse problema do modo mais satisfactorio.

Este engenheiro não construe um só barco, mas muitos barcos de fundo chato, e ligando uns aos outros, como as carroagens nos caminhos de ferro, fál-os puxar, com a velocidade de 10 milhas por hora, por uma forte machina de vapor, de especial systema, estabelecida em uma barca independente.

A *Illustração* ingleza, d'onde tirámos esta noticia e copiámos a gravura que segue este artigo, não nos explicando circunstanciadamente o systema do sr. Bourne, dá-nos todavia os esclarecimentos necessarios para se poder avaliar a sua importancia e as vantagens da sua applicação.

O sr. Hall, commandante da *Nemesis*, official de um merito incontestavel, sendo encarregado de estudar e apresentar um relatorio sobre o systema do sr. Bourne, declarou explicadamente que os *comboios maritimos a vapor (Steam-train)* satisfazem plenamente a todas as necessidades da navegação fluvial; que demandam apenas dois pés de agua, sendo por conseguinte accessiveis, não só ao Indo e ao Ganges, senão tambem a outros rios de menos importancia, e ainda na maior estiagem; que no estado actual de guerra em que se acha a India britannica, similhantes navios prestariam utilissimos serviços, podendo transportar até 1:000 soldados de cada viagem; que é facil montar n'estes *comboios* muitas peças de artilheria de grosso calibre, e assim tornarem-se em poderosos instrumentos de guerra, pois é sabido que a maior parte das cidades e pontos fortificados da India são situados nas margens dos rios, ou proximo d'ellas; finalmente que, terminada a lucta que hoje alli se peleja, os comboios maritimos a vapor podem servir optimamente ao transporte de algodão, assucar, madeira, e outras valiosissimas producções indigenas do interior d'aquelle vasto continente para os portos da costa, e d'estes levar para o interior os productos da industria européa.

O sr. Hall entende egualmente que por meio de barcos similhantes é possivel e facil estabelecer uma policia severa, contendo em respeito as povoações limitrophes aos rios que são destinados a cruzar em todas as direcções.

A opinião publica em Inglaterra mostra-se decididamente inclinada á adopção do systema do sr. Bourne; a *Illustração* já o recommenda energicamente ao governo, e é de presumir que em breve grandes comboios a vapor sulquem os rios da Asia.

A nossa estampa representa um d'estes comboios, lançando sobre uma praça de litoral, balas, bombas e foguetes a Congrève. São cinco grandes barcos de fundo chato, puxados por uma poderosa machina de vapor.

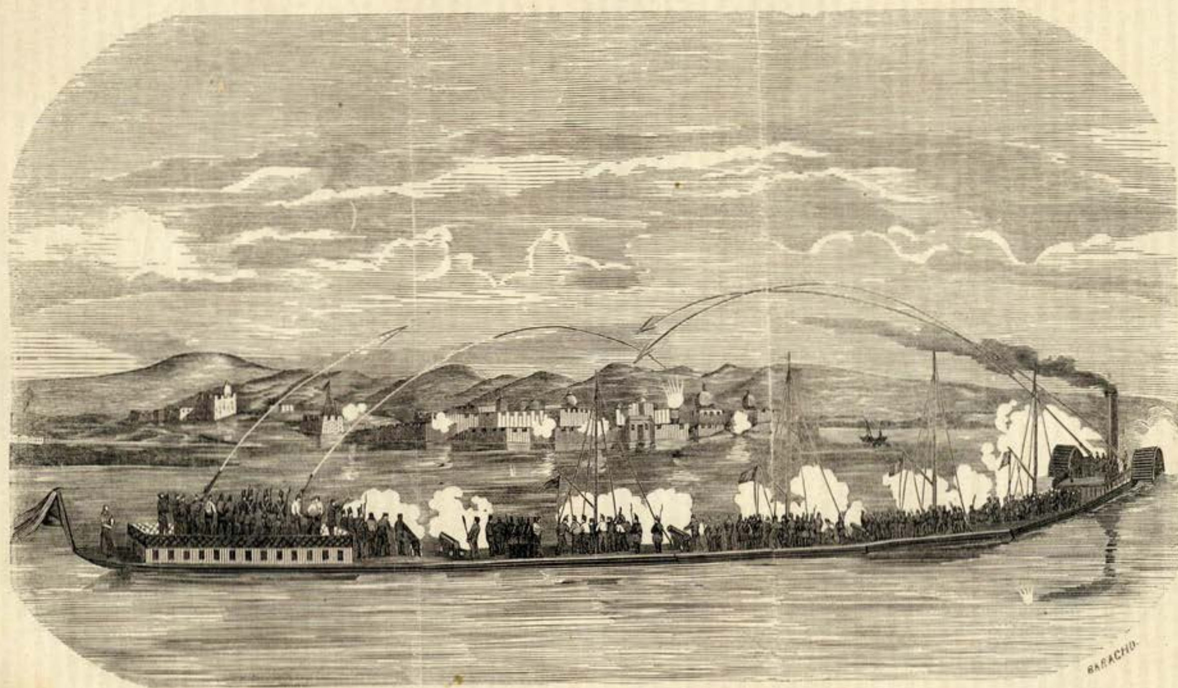
Se uma pratica esclarecida realisar todas as esperanças do auctor, é sem duvida que o systema do sr. Bourne será adoptado na navegação fluvial dos diversos estados do mundo, produzindo beneficios por ventura não inferiores aos que resultaram do estabelecimento dos caminhos de ferro.

P.

ROUSSEAU E A REVOLUÇÃO FRANCEZA.

I.

Ha quasi cento e trinta annos um rapaz servia, como criado, á mesa de um conde, chefe da antiga e illustre familia. O criado, ainda adolescente, tinha physionomia e modos honestos. No mais, nada valia. Ainda que suppozesse ter espirito, era rude no aprender. Tardio nas faculdades, nada havia produzido ainda. Entre outros defeitos tinha o de olhar com attenção demasiada para as damas que servia á mesa. Era mesmo incommodo, porque, ou fosse por ter mão desastrada, ou coração perto da mão derramava a agua e o vinho por cima do vestido da filha do dono da casa, em logar de lh'os deitar no copo. Decididamente o rapaz não annunciava disposições para o serviço: como era preguiçoso e vadio, tiveram a idéa de o fazer padre, ainda que houvesse nascido calvinista. Abjurou. Mas era preciso aprender mais latim, e mais theologia, do que elle com-



Combolos a vapor para navegação fluvial.

portava. Faltava-lhe memoria, e facilidade de estudar. Examinado o caso bem, o vadio não era apto a grande cousa; — apenas servia para vir a ser um grande homem!

Effectivamente esse rapaz foi, feito homem, João Jacques Rouseau!

II.

Um seculo tem passado por cima das cinzas dos gentishomens que jantavam n'aquelle dia em casa do conde de Gouvon, primeiro escudeiro da rainha, e chefe da illustre casa de Solar. A sombra da morte cobriu todas essas figuras aristocraticas, a do marquez de Breil, filho do conde de Gouvon, a da menina de Breil, tudo. E de todas essas nobrezas só ficou a do pagem, que servia tão desastradamente, mas que quarenta annos depois, salvou do esquecimento o nome e memoria de seus amos.

Quando passardes pela praça do Pantheon, em Paris, levantae a cabeça, e olhae! A mão do immortal David fixou na pedra do frontão a figura d'esse lacaio immortal, que, em consciencia, a joven de Breil mal podia considerar, quando o tinha em sua casa, como o homem a quem o mundo deveria o *Contracto social*, o *Discurso sobre a desegualdade das condições*, a *Profissão de fé do vigario saboyardo*. Essa grande figura medita, ao clarão de uma lampada, não longe de Voltaire, com o qual assim o vemos reconciliado na morte.

III.

Nada se póde escrever a respeito de João Iaqcques Rousseau, depois do que elle mesmo escreveu.

Limitar-nos-hemos a folhear lembranças de dois homens da revolução. Seja o primeiro Lakanal. — «Visitei com religioso recolhimento, diz elle, o valle solitario, onde o grande homem viveu os ultimos annos da sua vida: demorei-me muitos dias entre os pacificos agricultores, que elle tantas vezes tratava com tão amigavel sinceridade. *Era mui tristonho*, me diziam elles, *mas era mui bom*. Procurei a verdade na boca dos homens que ficaram mais perto da natureza.»

O segundo testimunho é o do abbade Grégoire. — «Em Chambéry, diz nas suas *Memorias*, procurei noticias a respeito de m.^{me} de Warens. Morreu deixando reputação conforme a idéa pouco honrosa que se póde formar d'ella pela revelação escandalosa de João Jacques. Visitei a pequena casa que este habitava nas *Charmettes*, e o que parecerá estranho, e se ignora, é que havia alli uma capellinha, e por cima d'ella escriptas em grande caracteres n'uma taboa (que vi) estas palavras do psalmo 54; «*Ecce alongavi fugiens: et mansi in solitudine; quoniam vidi iniquitatem et contraditcionem in civitate.*»

Rouseau, por mais que digam featas, era o homem mais religioso do seu seculo. Toda a sua vida procurou Deus na natureza. Esta capella, de que elle não fallou nas *Confidencias*, é singularmente tocante. Aquella alma, que fizera seu ninho na solidão, ia expandir, só por só, diante, do Creador, sentimentos de que os homens do seu seculo não eram dignos.

Ha poucos annos descemos pelo Rhodano em direcção a Marselha. O barco a vapor deslisava magestosamente pelo rio sereno. Passando diante de Saint-Audiol, lembrou-nos João Jacques e mé.^{me} Larnage. Sentimo-nos commovidos até derramar algumas lagrimas. A vida de Rousseau é uma das existencias humanas a que nos identificâmos, mesmo sem o querermos. Foi tamanha a vertigem que experimentámos á vista d'aquella natureza bella, que a alma do philosopho amava tanto: á vista d'aquellas ondas rapidas, em que Saint-Audiol banha os pés; á vista da ponte do Saint-Esprit, em que João Jacques queimou tão heroicamente a ultima escorva que o separou para sempre de m.^{me} de Larnage; que nos esquecemos de nós mesmos e penetrámos dolorosamente no mysterio d'aquelle coração, que Deus enchêra d'amor, e que os successos e os homens acabaram por encher de amargura.

Que parte dos padecimentos de João Jacques fosse imaginaria, não o negaremos. Mas antes d'esse homem se fazer algoz de si mesmo; antes que a sua cruel melancholia lançasse em tudo quanto o rodeava desconfiança e suspeitas; foi necessario que males mui reaes lhe dilacerassem o coração A sociedade o ferira em todos os pontos sensiveis e delicados. O amor de uma mulher no qual se involvêra, como um véo que se rasga, o expõe nú ás paixões de um mundo que elle teme. Successivamente aventureiro, lacaio, caixeiro, copista de musica, e quem sabe que mais, vivêra muito tempo obscuro e desprezado.

São os seus primeiros escriptos que lhe levantam uma tempestuosa gloria. Partido poderoso, o dos holbachistas, o presegue com injustiças e intrigas.

É então que o mundo toma aos seu olhos um aspecto phantasticamente triste. Aos males que sua imaginação selvatica se compraz crear vem juntar-se as perseguições da auctoridade. E ao clarão dos seus livros queimados pelas mãos dos carrascos, que foge, por assim dizer, de cidade em cidade. A infancia, que amára, a exemplo de Jesus Christo *(Sinite parvulos venire ad me)*; a infancia para a qual escrevêra um tratado de educação no seu *Emilio*; a infancia que quizera libertar da escravidão dos methodos ordinarios; é quem lhe atira a primeira pedra. Isto faz tremer as entranhas do proscripto. A todos os infortunios do exilio se junta, para o acabrunhar, o remorso. Tivera filhos: mas que fizera d'elles? Cedendo á miseria, aos indignos conselhos d'uma sociedade corrompida, ás influencias de um seculo pervertido, abandonou-os, esqueceu-os, perdeu-os. Os rapazes que lhe atiram pedras e o insultam são, sem o saberem, vingadores dos que elle engeitára.

IV.

De todos os philosophos do XVIII seculo João Jacques foi o que teve mais influencia sobre a revolução franceza. Desde 1793 assiste a todos os dramaticos movimentos d'aquella grande epocha. Todos os homens de 93 trabalham em secreto por se aproximarem do cidadão de Genebra, por se conformarem com suas doutrinas, com a austeridade de seus costumes independentes, com o seu amor á virtude. Murat jura por João Jacques, e assim Saint-Just, e assim Robespierre. A prodigiosa tensão ou resistencia d'este ultimo resulta do desejo que tem de se identificar com os principios do *Contracto social*, com as idéas religiosas da *Profissão de fé do vigario saboyardo*. Enrijece n'esta grande recordação.

Robespierre consagrava ás idéas e á pessoa de Rousseau uma admiração que chegava a ser culto. Desde a mais tenra edade elevára em seu coração altar ao auctor do *Discurso sobre a desegualdade das condições entre os homens*. Inimigo da pena de morte, participára a principio com amor dos sentimentos do cidadão genebrez, sobre a tolerancia universal. Mais tarde, quando as circunstancias lhe puzeram nas mãos parte da auctoridade popular, suppoz corresponder aos votos do seu modelo, ás suas idéas sobre Deus e sobre a natureza, celebrando no jardim das Tuilherias uma festa ao Ente-Supremo.

É sabido que esta solemnidade lhe custou a vida. Expirando, Robespierre pôde crer associado o seu sacrificio ao de Rousseau.

A presença invisivel d'este philosopho, o concurso que prestou, ora á constituição de 93, ora ás instituições sociaes, sua acção mysteriosa sobre successos e homens, tudo justificaria a theoria que concede influencia aos mortos sobre os vivos, nos destinos d'um mundo de que já não fazem parte, mas ao qual se conservam unidos com laços de universal solidariedade.

A historia prefere, sem duvida, ver o mui natural ascendente d'um pensamento sobre um seculo. O sentimento da egualdade, que enchêra a intelligencia e o coração de João Jacques, passou da alma do philosopho para a alma do povo.

A primeira epocha da revolução franceza foi toda destruição: pertenceu a Voltaire. A segunda epocha foi da reconstrucção social: pertenceu a Rousseau.

V.

Nas obras de João Jacques ha uma que feriu o seu seculo, desvendando o homem: *são as Confissões*. Este livro não é sómente uma tentativa ousada, é um regresso aos usos da egreja primitiva. A confissão era outr'ora publica. A communicação feita a todos os irmãos reunidos era considerada como um meio de expiação christã. João Jacques collocou-se no ponto de vista dos penitentes dos primeiros seculos, e, mais do que elles, não é á egreja que se dirige, é á humanidade, que só ella recebeu de Deus o poder de atar e desatar. E que, o que a humanidade perdoa na terra, será perdoado do ceo. Assim absolvido pela consciencia publica, João Jacques nada póde temer das ameaças da intolerancia religiosa.

A posteridade, d'accordo com o XVIII seculo, e com a revolução, franceza, disse a Rousseau: — «Levanta-te, que teus peccados são perdoados! Levanta-te, homem que em vida foste humilhado, desconhecido, preseguido, odiado, fugitivo! Homem que soffreste, e que, como Molière, nos ultimos tempos te tornáras misanthropo por amor da humanidade!»

A philosophia do XVIII seculo passa por ter sido uma reacção contra o christianismo. Seria mais justo dizer que fôra reacção contra as doutrinas e instituições, que desfiguravam o fundamento das crenças catholicas. João Jacques, principalmente, retomou a tradição christã de mais alto que as seitas protestantes: regenerou o sentimento religioso nas suas duas fontes immortaes, o amor da natureza, e o amor da humanidade. Como Jordano Bruno, extendeu o instincto de Deus a todo o universo Sem confundir a materia com o espirito, o infinito com o finito, deu treguas ás antigas hostilidades que os dividiam. A sua philosophia é a glorificação apaixonada de tudo o que é bello, grande, justo na alma humana: de tudo o que é divino nas creaturas. Com a leitura d'aquellas paginas, em que o auctor das *Confissões* adora o senhor da natureza n'uma manhã de primavera, n'um raio de sol, n'uma quéda d'agua, sente-se o espirito mais á vontade, o coração penetrado de nova e indizivel piedede. Sacerdote de novo culto, pensa pelo que não pensa, adora pelo que não sabe adorar, e assim offerece ao auctor da vida universal homenagens de todos os seres privados de razão. *(Continúa).*

TSE-MING-TCHUNG, OU OS RELOGIOS NA CHINA.

Estas engenhosas machinas de medir o tempo eram totalmente desconhecidas no celeste imperio, e foram os portuguezes os primeiros que alli as levaram.

Em dezembro de 1582 partiu de Macau o jesuita Roger, e levou, entre outros presentes, um relogio para o vice-rei de Cantão, a esse tempo residente em Tchao-king, que outro jesuita, o celebre Mattheus Ricci havia trazido de Goa. O vice-rei ficou de tal modo maravilhado vendo funccionar o relogio, que, trocando em benevolencia a altivez desdenhosa com que recebêra os estrangeiros, ou barbaros, na accepção chineza, permittiu, contra as leis do imperio, que Roger, Ricci e alguns missionarios portuguezes residissem em Tchao-king, a algumas legoas de Cantão onde lançaram os fundamentos á primeira missão catholica que houve na China.

Em 1601 já o padre Mattheus Ricci gosava de grande nomeada entre os mandarins do imperio, pelo seu grande talento e conhecimentos nas sciencias physicas e mathematicas. N'aquelle anno foi a Pekim, por consentimento expresso do imperador, curioso de ver os presentes de objectos da Europa, que o habil e perseverante missionario lhe destinava, como meio de penetrar n'aquella mysteriosa capital, e alli prégar o christianismo. Entre esses presentes muita sensação produziram alguns quadros grandes a oleo que até excitaram certo temor, pela naturalidade das physionomias dos personagens, e sobre tudo pelos olhos cheios de animação e de vida. Os relogios, porém, é que mais extasiaram o imperador e a sua corte: e como estavam desarranjados pelo longo trajecto, logo foram nomeados tres eunucos para aprenderem o modo de os concertar, o que constituiu empregos a que se ligaram certas prerogativas e dignidades.

O receio que o eunucos tiveram de que os relogios se estragassem e os não podessem mais reparar, o que talvez lhes poria a vida em risco, fez com que influissem para que o imperador consentisse que o padre Ricci e o padre Didaco, que o acompanhára, ficassem residindo em Pekim, como estes tão ardentemente desejavam. Assim succedeu, apesar do ciume dos mandarins, e mesmo das representações dos tribunaes, fundadas nas leis do imperio, que prohibem a residencia permanente de barbaros ou estrangeiros no reino do meio. (1)

O imperador estava de tal modo encantado de possuir os relogios, que, segundo contaram os eunucos, occorreu a anecdota seguinte. A mãe do imperador tendo ouvido fallar dos maravilhosos *tse-ming-tchung*, ou campainhas, que tocam por si mesmas, desejou muito vel-os, e pediu ao seu imperial filho que lh'os mandasse. O imperador ficou consternado; por um lado não podia deixar de condescender com os desejos de sua mãe; mas por outra parte temia que ouvindo soar os relogios, a imperatriz quizesse ficar com elles, o que seria muito desagradavel. O astucioso *filho do ceo*, como verdadeiro chim, achou meio de se tirar maliciosamente d'este embaraço. Mandou-lhe os relogios, mas por meio da respectiva mola suspendeu-lhes o bater das horas. A imperatriz mãe, não ouvindo soar os afamados *tse-ming-tchung*, aborreceu-se d'elles, e os devolveu ao filho.

O imperador da China, esse poderoso monarcha que governara mais de trezentos milhões de vassallos, afóra os povos tributarios, estava de continuo extasiado á vista dos seus *tse-ming-tchung*. Encerrado no centro do palacio, o seu maior deleite era ouvir bater as horas, e ver o movimento dos ponteiros sobre o mostrador. Julgava-se o mais feliz potentado da terra; mas como, segundo um antigo proverbio chinez «os homens morrem, e as cousas estragam-se» (Jon-yu-sse, u-yu-huaï), aconteceu que os relogios vieram a parar, e os eunucos encarregados da sua conservação não souberam como remediar esta fatalidade. Sua magestade imperial, no meio da mais profunda magoa, mandou chamar o padre Ricci, esperando que elle podesse restituir o movimento aos relogios, e com isso a felicidade ao *filho do ceo*.

(1) Os chins denominam o seu paiz pelas differentes designações de: reino do meio, imperio celestial, e reino das flores.

O padre Ricci limpou as rodas dos *tse-ming-tchung*, os ponteiros andaram, e as campainhas bateram as horas, tudo com grande applauso e viva satisfação do imperador, dos eunucos, das damas de honra, e de todos os habitantes do palacio. Desde então, para obviar a que se repetisse tal calamidade, decretou-se que os missionarios teriam livre entrada na corte para vigiar a conservação dos relogios. Este extraordinario favor, concedido a barbaros, deu muito que fallar em Pekim, e augmentou a consideração de que já gozavam os dois jesuitas.

O padre Ricci viveu em Pekim até á sua morte, acontecida em maio de 1610, sempre honrado pelo imperador, e muito estimado na corte. Deixou alli fundada a missão catholica, que depois muito floresceu, e onde tantos serviços prestaram os nossos missionarios portuguezes.

Os chins, apesar da sua aptidão para todas as artes, ainda até hoje não construiram relogios perfeitos. Importam-nos da Europa, o que constitue um ramo importante de commercio. Estimam muito os que tem figuras moveis no mostrador, sobretudo se ellas representam scenas sensuaes ou obscenas, e pagam estes por alto preço.

O modo mais commum de medir o tempo na China, é por meio dos *pivétes*, ou delgados rolos em espiral, formados de serradura de madeira e de certos ingredientes, que ardem a fogo lento com tal regularidade, que por meio de nós collocados entre si a eguaes distancias marcam com sufficiente exactidão as divisões de tempo decorridas desde um ponto dado.

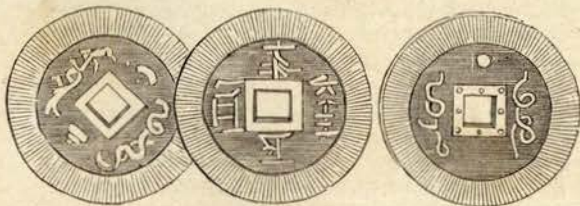
Em algumas provincias, principalmente entre a gente do campo, servem de relogio os olhos dos gatos; uso fundado na observação, de que a pupila ou parte negra concentrica dos olhos d'aquelles animaes se adelgaça á proporção que se aproxima o meio dia, mostrando então apenas uma delgada linha, que váe depois successivamente engrossando desde aquella hora. D'este modo a simples inspecção dos olhos de qualquer gato, quando os camponezes não podem regular-se pelo sol, faz conhecer aos experientes as horas que são.

Esta descoberta chineza, se chega a introduzir-se e vulgarisar-se na Europa, onde tanto abunda a raça felina, quem sabe até que ponto prejudicará a industria da relojoaria, e o officio de relojoeiro?

C.

MOEDAS CHINEZAS.

O governo na China só faz cunhar uma unica especie de moeda. É de cobre, misturado com zinco e chumbo, e tão fragil, que chega a desfazer-se com a circulação. No centro tem um buraco quadrado, como se vê na estampa, onde esta moeda está dese-



nhada no tamanho natural. Os chins chamam-lhe *tsin*, mas em Macau dão-lhe o nome de *sapecas*. O furo no centro serve para as enfiar n'um cordel ou junco, para mais facil transporte e contagem. Vêem-se ás vezes os chins, que andam a compras, trazerem uma longa enfiada de sapecas ao pescoço. Usam tambem ordinariamente enfial-as aos centos, e correm como entre nós os cartuchos de pequenas moedas de prata.

Dez *cachas*, peso infimo de prata, fazem um *condrim* de prata; dez condrins compõem um *maz*, e dez mazes um *tael*, que é a unidade maxima do peso para regular a prata ou ouro; metaes de que não se cunha dinheiro, mas que correm como tal, em barra ou pedaços que tem uma certa fórma, e que são tomados a peso em todas as transacções. O tael representa uma onça chineza de prata fina, e vale proximamente 1:400 reis da nossa moeda. Note-se que desde tempos immemoriaes usam os chins do systema decimal, assim nos pezos, como nas medidas lineares, o qual apenas agora começa a generalisar-se na Europa.

As patacas hespanholas são o dinheiro europeu que mais concorre aos portos da China, onde é livre o commercio com a Europa. São ellas recebidas como dinheiro ou prata corrente ao peso de sete mazes e dois condrins, que é o de uma boa pataca. Apenas qualquer chim recebe patacas, logo as carimba com a firma ou signal de que usa, ou o seu estabelecimento, de modo que dentro em pouco o cunho totalmente desapparece, e tornam-se n'umas informes chapas de prata, que por si mesmas se quebram, ou que se partem quando ha necessidade de dar trocos em mazes e condrins. Reduzidas a este estado, chamam-lhe prata cobrada, que é o que mais gira em Macau. Por isto é raro ver na China uma pataca perfeita, ou limpa, como lá dizem, isto é, sem carimbos; mas nem por isso as que ha tem mais valor que a prata quebrada, á excepção das do cunho de Carlos IV, de Hespanha, que para os chins tem mais valia, e não querem outras no mercado de Shangae.

A relação entre a pataca e as sapecas que são a raiz ou bilhão do systema monetario chinez, varia segundo o estado das transacções com o commercio europeu, e a maior ou menor abundancia de prata na China. Actualmente abunda esta, porque muita váe da Europa, e trocam-se as patacas em Macau sómente por 1:100 sapecas, correspondendo assim cada uma d'estas a oito decimos de um real; mas de ordinario ainda menos valem. Apesar de tão infimo valor, ha cousas que se compram por uma sapeca, principalmente comestiveis.

Este systema de moeda permitte o commercio dos infinitamente pequenos, e qualquer chim, em possuindo algumas duzias de sapecas, improvisa-se em negociante.

C.

ENIGMA PITTORESCO.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista, 1 F.